

1981

MARIE E O
TEATRO NACIONAL(A LIGAÇÃO DE UMA ARTISTA
COM UM AMBIENTE EM QUE
SE RESPIRA ARTE)

ERIKA KLINGL

“Marie nasceu aqui dentro”, brinca um músico da Orquestra Sinfônica Cláudio Santoro, quando percebe que a colega Marie de Novion está sendo entrevistada na Sala Martins Penna do Teatro Nacional. Apesar do exagero, existe uma razão na provocação. A história da jovem de 27 anos se confunde com a trajetória da mais importante casa de cultura e espetáculos da capital do país. A relação é tão íntima que a violista nasceu no mesmo ano da inauguração oficial desse espaço projetado pelo arquiteto Oscar Niemeyer: 1981.

A paixão de Marie pelo lugar veio logo depois, ainda quando criança. A menina não tinha nem 6 anos, mas já aprendia a conhecer e reconhecer os acordes de música clássica tocada na Sala Villa-Lobos — a maior dos três ambientes de espetáculos do teatro. “Eu era pequena e meu pai me trazia para ouvir a orquestra. Ele até brincava que eu cairia pelo buraco das poltronas verdes”, lembra, emocionada. Não é para menos. Criança, ela teve a chance de ver o trabalho do grande maestro e compositor Cláudio Santoro, fundador da orquestra, em 1979. Ele foi regente principal até o final da vida, em 1989. Assim, pelo incentivo dos pais e sedução irresistível da arte, Marie ingressou nesse universo de cultura universal. “Colocaram meu nome para estudar

E MAIS...

Os refletores se apagaram. A orquestra começou a tocar a música *Lady Laura*, e os desmaiados se sucederam. Não era para menos. No início da noite do dia 19 de abril, subia no palco montado na Esplanada dos Ministérios o cantor Roberto Carlos. Essa não foi a única emoção dos brasilienses nesse 1981. O Brasil comemorou, no fim do ano, o primeiro de três campeonatos mundiais de Fórmula 1 do carioca Nelson Piquet, criado nas ruas da capital. Já no Brasil e no mundo, os ânimos estavam acirrados no primeiro semestre de 1981. Em 30 de abril, ocorreu o atentado do Riocentro, uma espécie de gota d'água para o fim da ditadura militar. Em 13 de maio, o papa João Paulo II sofreu atentado, atingido por duas balas disparadas com uma pistola 9mm pelo terrorista turco Mehmet Ali Agca.

com uma corda para sons mais graves. “Brinco que não escolhi tocar a viola, mas fui escolhida”, afirma. Convicta de que a música e a arte eram a razão da sua vida, Marie até pensou em tocar em outros cantos mas, depois de dois anos em São Paulo, concluiu que Brasília era o lugar em que seria feliz. Ela tinha 22 anos quando entrou na Orquestra Cláudio Santoro. “Me lembro da minha primeira apresentação, em 2003. Fiquei emocionada, porque nunca pensei que estaria aqui. Me lembrei de quando era criança.” A mãe, Olga, assistiu a tudo. A felicidade só não foi completa porque o pai, Martim, havia falecido poucos meses antes e não viu a filha realizando o sonho.

A emoção de Marie tem razão de ser. É difícil entrar no Teatro Nacional e não perder o fôlego. Os traços, as cores e as obras ali expostas são um espetáculo à parte. Um monumento em movimento, o Teatro Nacional é sóbrio e surpreendente, desde os relevos externos de

Daniel Ferreira/CB/D.A. Press



MARIE NA SALA VILLA-LOBOS: DESDE OS SEIS ANOS FREQUENTANDO O LUGAR

na Escola de Música de Brasília e eu fui sorteada. De lá para cá, nunca parei de tocar”, conta.

A vontade inicial era aprender a tocar violino, mas o professor identificou na aplicada estudante talento para a viola clássica, instrumento um pouco maior e

Athos Bulcão — tirados para reforma, no ano passado — aos pequenos detalhes que vão aparecendo em seu interior, como as obras de arte criadas especialmente para pontuar seus espaços amplos e cheios de sentido.

Como obra de arte que é, a trajetória do Teatro Nacional não poderia existir sem drama. Foram mais de 20 anos até a inauguração. A construção teve início no dia 30 de julho de 1960, e a estrutura ficou pronta em 30 de janeiro de 1961, mas por cinco anos a obra parou. A Sala Martins Penna ficou pronta em 1966 e, após 10 anos de atividade, foi fechada para reforma e finalização do teatro, que ocorreu em 21 de abril de 1981. Na abertura oficial do lugar, os solistas Ana Botafogo e Alain Leroy apresentaram o ballet *Sonho de uma noite de carnaval*, numa festa de gala.

O espetáculo escolhido para a inauguração definitiva do teatro não podia ser mais perfeito. Além de ser uma peça totalmente brasileira, ela remete ao carnaval, feriado que, anos antes, Niemeyer usou para desenhar o espaço. “Em Brasília, tudo foi feito a correr. Elaborei o projeto durante um carnaval de 1960. No dia seguinte, convoquei um especialista em acústica da Alemanha, que, uma semana depois, já estava em Brasília nos atendendo”, disse o arquiteto, certa vez, ao contar a experiência de projetar o Teatro Nacional.